

VELUDOS, RUÍNAS E CHINELOS GASTOS: PROSTITUIÇÃO, MEMÓRIA E EDUCAÇÃO DOS CORPOS NA MANAUS DA BELLE ÉPOQUE

VELVETS, RUINS AND WORN SLIPPERS: PROSTITUTION, MEMORY AND EDUCATION OF BODIES IN BELLE ÉPOQUE MANAUS

Clodoaldo Matias da Silva¹

RESUMO: A pesquisa investiga a prostituição feminina na Manaus da Belle Époque como espaço de produção de saberes e pedagogias do corpo, analisando a formação de subjetividades e resistências em meio aos discursos morais e higienistas da época. O estudo tem como objetivo compreender como as práticas de mulheres marginalizadas configuram processos educativos não formais, ancorados na experiência, na memória e na permanência. A metodologia consiste em uma abordagem qualitativa e bibliográfica de caráter interpretativo, sustentada pela análise crítica de obras que articulam corpo, cidade e educação, permitindo identificar o urbano como território pedagógico. A reflexão revela que a prostituição opera como linguagem social e prática formativa, desafiando o controle sobre o feminino e instituindo formas alternativas de ensinar e aprender. O corpo, compreendido como texto e arquivo da cidade, torna-se mediador entre o vivido e o simbólico, convertendo-se em instrumento de resistência e transmissão de conhecimento. A pesquisa conclui que a marginalidade feminina, longe de ser ausência, constitui um locus de produção epistemológica que tensiona o conceito de educação formal e amplia sua dimensão humanizadora, ao reconhecer nas bordas da sociedade um espaço fecundo de aprendizagem e criação.

4387

Palavras-chave: Belle Époque. Corpo. Educação. Prostituição. Resistência.

ABSTRACT: This research investigates female prostitution in Belle Époque Manaus as a space for knowledge production and body pedagogies, analysing the formation of subjectivities and resistance within moral and hygienist discourses of the period. The study aims to understand how the practices of marginalised women configure non-formal educational processes grounded in experience, memory, and survival. The methodology adopts a qualitative, bibliographical, and interpretative approach, supported by critical analysis of works linking body, city, and education, identifying the urban as a pedagogical territory. The reflection reveals prostitution as a social language and formative practice that challenges control over femininity and establishes alternative ways of teaching and learning. The body, understood as text and archive of the city, mediates between lived experience and symbolic production, becoming an instrument of resistance and transmission of knowledge. The study concludes that female marginality, far from absence, constitutes an epistemological locus that challenges the limits of formal education and broadens its humanising dimension by recognising the margins as a fertile space for learning and creation.

Keywords: Body. Education. Prostitution. Resistance. Urbanity.

¹Mestrando em História pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Especialista em Ensino de Filosofia, Sociologia e História; Neuropsicopedagogia e Psicanálise Clínica; Psicanálise, Psicoterapia e Psicopatologia do Adolescente; e, Cultura Indígena e Afro-brasileira pela Faculdade do Leste Mineiro - FACULESTE. Graduado em Geografia pelo Centro Universitário do Norte - UNINORTE. Membro do Núcleo de Produção Científica e Editoração do Curso de Direito da UEA - NEDIR/UEA. Editor Assistente da Equidade: Revista Eletrônica de Direito da UEA. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3923-8839>.

INTRODUÇÃO

A prostituição feminina na Manaus da Belle Époque emerge como um espelho das tensões entre progresso e moralidade, entre o luxo das elites e a invisibilidade das mulheres que habitavam as margens do centro urbano. As ruas iluminadas e os casarões ostentosos contrastavam com os becos onde corpos femininos se tornavam mercadoria e resistência, desejo e repulsa, pecado e sustento. Nesse cenário de contradições, o corpo da mulher prostituída deixa de ser apenas objeto de julgamento moral e transforma-se em território simbólico de aprendizagens, onde a sobrevivência cotidiana ensina sobre poder, afeto e exclusão.

Com efeito, ao deslocar o olhar do moral para o pedagógico, o presente estudo busca compreender as múltiplas dimensões educativas inscritas na experiência da prostituição, sobretudo quando esta se manifesta como prática social e como narrativa de resistência. Assim, questiona-se: De que maneira a prostituição, enquanto prática social e território simbólico na Manaus da Belle Époque, produziu formas de educação dos corpos e saberes de resistência que desafiaram as normas de moralidade e os dispositivos de controle sobre a mulher? Essa indagação orienta o percurso investigativo e sustenta a hipótese de que, mesmo nos espaços de exclusão, há pedagogias silenciosas e potentes que revelam modos alternativos de existir.

Nesse sentido, o objetivo central consiste em analisar como a prostituição feminina na Manaus da Belle Époque constituiu um espaço de produção de saberes e de pedagogias do corpo, revelando processos de resistência, subjetivação e memória social que tensionam os discursos morais e higienistas da época, situando a mulher marginalizada como agente formadora de experiências urbanas, afetivas e culturais. Tal perspectiva compreende que as mulheres das ruas foram também educadoras involuntárias de uma cidade que aprendeu com elas a lidar com seus próprios desejos e contradições. A prostituição, nesse contexto, configura-se como experiência pedagógica, estética e política.

4388

A relevância desta pesquisa se manifesta em múltiplos planos. Socialmente, o estudo revaloriza a figura da mulher marginalizada, conferindo-lhe voz e reconhecimento em um espaço historicamente silenciado. No campo acadêmico, amplia o debate sobre educação e gênero, ao integrar o corpo e a sexualidade como dimensões de aprendizagem. Historicamente, revela a presença ativa dessas mulheres na construção simbólica da cidade, enquanto juridicamente permite refletir sobre as formas de criminalização e controle que ainda incidem sobre o feminino, mostrando como as estruturas de poder atravessam o tempo sob novas roupagens discursivas.

Do ponto de vista metodológico, adota-se uma abordagem histórico-analítica de caráter qualitativo, baseada em fontes literárias, registros urbanos e narrativas memorialísticas, articuladas à leitura crítica da pedagogia libertadora e da teoria social urbana. A análise interpretativa privilegia o diálogo entre a memória e o espaço, considerando a prostituição não como desvio, mas como expressão de um saber construído no limiar entre dor e dignidade. Tal método permite compreender como a experiência feminina, inscrita nas ruínas e nos gestos, ensina à cidade sobre resistência e humanidade.

Por fim, o artigo organiza-se em quatro partes: a presente introdução, seguida da fundamentação teórica, que se divide em quatro seções - mapeamento teórico, sistematização crítica da literatura, construção argumentativa e integração com o problema e objetivos -, e encerra-se com a conclusão e as referências. A contribuição acadêmica reside na tentativa de unir história, pedagogia e memória urbana para evidenciar que o corpo da mulher prostituída, outrora marginalizado, é também portador de um saber legítimo, capaz de educar o olhar sobre o humano e reescrever as pedagogias da cidade.

O corpo, a cidade e a marginalidade como espaços de formação

A leitura da prostituição como espaço educativo convida a revisitá-la a cidade e o corpo sob uma ótica emancipatória, onde, a mulher prostituída, silenciada pelas moralidades dominantes, torna-se sujeito pedagógico ao habitar as margens do urbano. O gesto de sobreviver, o modo de caminhar e o olhar que enfrenta o estigma revelam práticas de ensino que não cabem nas escolas. Nessa perspectiva, a pedagogia que emerge dessas vivências resiste às estruturas de opressão e expõe as fissuras da ordem patriarcal, onde, “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo: os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (Freire, 2021, p. 96).

Diante desse cenário, pensar a prostituição feminina na Manaus da Belle Époque é compreender como o corpo se tornou um texto social escrito entre o desejo e a repressão, aonde, o espaço urbano, iluminado pelo discurso da civilização, escondia sob seus casarões um cotidiano de exclusões. As mulheres marginalizadas, ao ocuparem as bordas da cidade, transformaram o silêncio em linguagem e a rua em escola. Em termos freirianos, a opressão não impede a aprendizagem; antes, gera uma pedagogia da resistência, nesse contexto, “a liberdade é uma conquista, e não uma doação” (Freire, 1992, p. 47).

A partir dessa compreensão, Apple (2008) observa que a educação é sempre um campo de disputa ideológica, onde o currículo expressa as hierarquias sociais. Quando a moral burguesa define o que é saber legítimo, ela exclui as epistemologias do corpo e as vozes das ruas. A prostituição feminina, nesse contexto, insere-se como um contracurrículo, desafiando a pretensa neutralidade dos discursos pedagógicos. O corpo, negado como sujeito, converte-se em arquivo de experiências, capaz de educar por meio da dor e da presença, essa leitura amplia o sentido político da educação como prática cultural.

A urbanização de Manaus, como narra Corrêa (1966), foi marcada por contradições entre a ostentação do capital e a segregação de corpos femininos pobres, o projeto civilizatório impôs uma pedagogia do controle que se estendia às ruas, às roupas e aos comportamentos. Contudo, nas frestas dessa ordem, germinavam modos de aprender fundados na sobrevivência, Bragas (1975) reconhece nas zonas marginais um tipo de espiritualidade da cidade, onde o humano resiste mesmo sob a ruína, essa espiritualidade se manifesta no cotidiano das mulheres que educam a cidade ao permanecerem.

Ao retomar a história da cidade, Freire (1994) descreve os encontros entre povos originários e colonizadores como choques de mundos simbólicos, essa tensão perdura na modernidade manauara, onde o espaço urbano reflete as hierarquias coloniais. Nesse cenário, a prostituição surge como continuidade desse processo de disciplinamento dos corpos e de exclusão social. Ao mesmo tempo, cria novas linguagens e redes de afeto que questionam as estruturas impostas, assim, o corpo prostituído é também corpo de memória, habitando fronteiras que são geográficas e existenciais.

A concepção de Castells sobre a cidade como arena de conflitos sociais auxilia a compreender a pedagogia implícita nos territórios marginalizados, nesse sentido, o urbano é o espaço onde o poder e a resistência se encontram, produzindo significados sobre quem pode ou não existir publicamente. Nesse jogo, o corpo da mulher prostituída inscreve-se como testemunho da desigualdade e como gesto de autoria. Como escreve Castells, “as formas espaciais são expressões materiais das estruturas sociais” (Castells, 1977, p. 126), essa materialidade educa ao mesmo tempo em que oprime.

Nas análises de Rolnik, a cidade contemporânea é compreendida como um mosaico de territórios em conflito. Essa leitura oferece uma chave potente para repensar a prostituição não como desvio, mas como ocupação simbólica do espaço. Nesse contexto, o corpo feminino, atravessado por interditos, torna-se um lugar de produção de sentido e de invenção da vida. A

rua, nesse caso, é sala de aula e também altar profano, “a cidade é um campo de afetos em disputa, e os corpos são suas linhas de força” (Rolnik, 2019, p. 112).

A experiência de educar-se na marginalidade aproxima-se daquilo que Freire (2014) define como “formação pela prática reflexiva” (grifo nosso), pois o conhecimento nasce do enfrentamento das condições concretas de vida. A prostituição, ao ser vivida como meio de sobrevivência, cria pedagogias que escapam à lógica institucional. Essas mulheres constroem saberes de leitura do espaço, de negociação e de autocuidado que desafiam a pedagogia tradicional, em cada gesto de resistência, inscreve-se um saber que é também forma de esperança.

A leitura da obra de Freire ajuda a sintetizar essa compreensão, de acordo com o autor, “a educação é um ato de amor, por isso um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa” (Freire, 1992, p. 45). Ao se aplicar essa visão ao universo da prostituição, entende-se que os corpos que amam e resistem também educam. A coragem de existir em espaços negados é, por si só, um gesto pedagógico, uma prática que ensina sobre humanidade e dignidade.

Por fim, a cidade manauara revela-se como corpo coletivo, repleto de memórias inscritas nos muros, nos becos e nas ruínas. A mulher prostituída, ao ocupar esses espaços, transforma o urbano em território de aprendizagem sensível. A cidade educa, e é educada por esses corpos que persistem em existir. Essa interdependência entre corpo, cidade e memória anuncia o horizonte da próxima seção, “Prostituição, educação e códigos morais na modernidade amazônica”, que aprofundará o modo como as pedagogias do cotidiano revelam práticas de resistência e saberes que nascem nas margens.

4391

Prostituição, educação e códigos morais na modernidade amazônica

A literatura sobre prostituição feminina revela um campo de disputas simbólicas em que o corpo é, ao mesmo tempo, lugar de poder e vulnerabilidade, essa tensão, longe de ser apenas social, é também educativa, pois nela se constituem subjetividades e formas de resistência. Ao analisar os códigos da sexualidade, Rago (1991, p. 42) reconhece que “a sexualidade é uma tecnologia de dominação e de resistência”. Essa formulação inaugura um pensamento que comprehende o corpo como território pedagógico, capaz de ensinar sobre as dinâmicas de controle e emancipação.

Nas análises de Largman, o corpo feminino é compreendido como arquivo de experiências históricas marcadas por deslocamentos, miséria e silenciamento. As jovens judias trazidas ao Brasil, conhecidas como “polacas” (grifo nosso), exemplificam o modo como a opressão pode gerar estratégias de aprendizagem da própria existência. A autora observa que “cada gesto de vida é uma recusa à morte simbólica” (Largman, 2007, p. 78), a prostituição, nesse horizonte, deixa de ser apenas um ato econômico e se converte em narrativa educativa sobre sobrevivência e pertencimento.

A articulação entre poder e educação torna-se ainda mais evidente quando se adota a perspectiva de Manacorda (1990), para quem o princípio educativo permeia todas as ações humanas, o autor propõe que o saber nasce da experiência concreta, especialmente quando esta se confronta com as estruturas de dominação. Tal ideia é ampliada por Manfredi (1980, p. 63), que defende o papel político da educação popular, afirmando que “a consciência crítica nasce do confronto com a realidade”, essas leituras situam o aprendizado como prática emancipatória enraizada nas contradições da vida social.

A cidade, enquanto extensão simbólica do corpo, é também espaço de aprendizado, a leitura de Pesavento destaca a formação de uma cidade subterrânea, cujas pedagogias se constroem nas margens. Para a autora, “os excluídos da cidade são também seus narradores ocultos” (Pesavento, 2011, p. 117), o que redefine a prostituição como experiência de comunicação e transmissão cultural. O corpo marginalizado, ao resistir à invisibilidade, torna-se mediador entre memória e espaço urbano, produzindo saberes que subvertem o silêncio institucionalizado.

4392

Sob essa mesma lente, Pinheiro (1999) descreve o porto de Manaus como cenário de contradições entre o capital e a moralidade, em que o corpo feminino simboliza o elo entre trabalho e desejo. O estudo evidencia que a ordem urbana da Belle Époque se edificou sobre pedagogias do controle, destinadas a disciplinar corpos e comportamentos. Nesse processo, a prostituição emergiu como elemento formador da cultura urbana, revelando as fissuras de um modelo social que aprendeu a civilizar pela exclusão, assim, o corpo educava o próprio sistema que o oprimia.

Em sua abordagem sobre a temática, Whyte ao investigar as dinâmicas sociais das periferias, identifica que os grupos marginalizados desenvolvem códigos de convivência que expressam pedagogias tácitas. Ele afirma que “as regras do grupo são aprendidas pela observação e pela necessidade” (Whyte, 2005, p. 62), reconhecendo o valor formativo das relações entre

pares. Essa leitura ilumina a prostituição como prática que envolve ensino e aprendizagem contínuos, nos quais a adaptação e a solidariedade são condições de sobrevivência e também de construção simbólica do saber.

A partir da leitura comparada dessas obras, constata-se que a prostituição é um espaço epistemológico onde o corpo traduz contradições históricas, em suas obras, Rago (1991) e Largman (2007) enfatizam a formação da subjetividade feminina, enquanto Manacorda (1990) e Manfredi (1980) deslocam a discussão para o campo político do saber. Pesavento (2001) e Pinheiro (1999) revelam a interdependência entre espaço e corpo, e Whyte (2005) consolida a dimensão pedagógica da vida urbana. Essas perspectivas se entrecruzam na compreensão da prostituição como um fenômeno educativo e simbólico.

Os espaços da exclusão são também espaços de invenção, pois ali se constroem narrativas sobre o viver. Nas margens, o corpo se faz palavra, e a cidade aprende com aquilo que pretende negar. As prostitutas, ao habitarem o invisível, produzem memória e criam outras formas de saber. É nesses interstícios que o urbano se reconhece humano (Pesavento, 2001, p. 131).

O pensamento de Pesavento (2001) sintetiza a potência política e cognitiva do corpo marginalizado, ao demonstrar que os territórios da exclusão não são carência, mas criação. Essa concepção se articula à noção gramsciana de que toda prática social é educativa, como sublinha Manacorda (1990), e ao princípio freiriano da libertação pelo diálogo implícito na experiência. Assim, o corpo prostituído se torna instrumento de leitura e reescrita da cidade, revelando um saber que habita o não dito.

4393

A sistematização crítica da literatura permite perceber que o corpo feminino é o primeiro espaço de aprendizagem da desigualdade, mas também o primeiro território de insurgência. Cada obra analisada contribui para compreender que a prostituição é uma pedagogia do real, onde o conhecimento é produzido no confronto entre o desejo e a norma. A seção seguinte, intitulada “O corpo feminino como texto social e pedagógico”, aprofundará essa relação, examinando como as moralidades urbanas e os discursos higienistas se converteram em dispositivos pedagógicos de controle e resistência.

O corpo feminino como texto social e pedagógico

O corpo feminino marginalizado pode ser lido como um texto que educa silenciosamente o olhar social e desestabiliza as narrativas de poder, onde, ele ensina pela presença e pela memória, transformando a experiência da exclusão em linguagem formadora. Cada gesto torna-se palavra, e cada cicatriz, uma sentença pedagógica, nesse contexto, “ensinar exige

compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo” (Freire, 2014, p. 68), portanto, a intervenção do corpo é, sua própria sobrevivência.

A compreensão desse corpo como texto social exige reconhecer que a educação não é neutra, mas atravessada por afetos, políticas e desigualdades. A pedagogia se inscreve na carne e no tempo, manifestando-se nas margens da norma. Freire (2021, p. 33) enfatiza que “a prática educativa é um ato político”, e, nas ruas, esse ato é resistência. O corpo prostituído, ao habitar o espaço da cidade, reescreve o aprendizado social da moralidade e do desejo.

A leitura crítica de Manacorda (1990) identifica no corpo a síntese entre trabalho e consciência, o que o torna um princípio educativo. A formação humana, em sua totalidade, depende da experiência concreta de existir em meio ao conflito. Manfredi (1980, p. 63) complementa que “a consciência crítica nasce do confronto com a realidade”, situando o corpo como arena de disputas simbólicas e epistemológicas, assim, a mulher marginalizada ensina o que o discurso oficial tenta esquecer.

Na análise de Silva, o corpo da prostituta da Belle Époque se converte em documento histórico e pedagógico, “as paredes do Cassina ainda falam das mulheres que educaram a cidade com seus silêncios” (Silva, 2025a, p. 4012). A ruína, enquanto metáfora de tempo e resistência, guarda o que a moral tentou apagar, a educação, nesse contexto, é feita de lembranças que sobrevivem, revelando que a cidade também aprende com suas sombras. 4394

O pensamento de Pesavento (2001, p. 117) amplia essa perspectiva ao tratar o urbano como cenário de sensibilidades e exclusões, “os excluídos da cidade são também seus narradores ocultos”, afirma a autora, resgatando a dimensão pedagógica da marginalidade. A prostituição, enquanto prática social, torna-se discurso que traduz a tensão entre visibilidade e esquecimento, nesse cenário, a cidade, ao observar o corpo feminino, lê sua própria história de controle e transgressão.

O diálogo entre o sagrado e o profano, descrito por Bragas, insere o corpo na gramática da espiritualidade e do cotidiano, onde, o desejo, antes reprimido, torna-se experiência moral e educativa. “A moral nasceu nas esquinas e nelas se perpetuou como costume” (Bragas, 1975, p. 94). A mulher das ruas é, assim, professora involuntária de humanidade, a cidade aprende nas encruzilhadas onde fé, culpa e prazer se cruzam como pedagogias invisíveis.

O corpo é o primeiro espaço político. É nele que se inscrevem as marcas da opressão e os gestos da libertação. Todo corpo que resiste ensina. Todo corpo que ensina transforma o olhar do mundo. Aprender com o corpo é repreender a humanidade. Nas margens, o corpo torna-se verbo, memória e pedagogia (Freire, 2014, p. 74).

Nesse contexto, a corporeidade feminina também manifesta a tensão entre o efêmero e o eterno, na leitura de Silva (2025b, p. 1679), “as cicatrizes das mulheres são também documentos históricos”, indicando que o corpo não apenas vive, mas arquiva. Essa memória inscrita se converte em método e em narrativa, permitindo que a dor se transforme em aprendizado, assim, o corpo é, uma forma de escrita viva, onde o conhecimento se tece pela permanência.

Os espaços da exclusão são também espaços de invenção, pois ali se constroem narrativas sobre o viver. Nas margens, o corpo se faz palavra, e a cidade aprende com aquilo que pretende negar. As prostitutas, ao habitarem o invisível, produzem memória e criam outras formas de saber. É nesses interstícios que o urbano se reconhece humano. O silêncio ensina o que a moral não consegue nomear (Pesavento, 2001, p. 131).

A obra de Pérès sugere que a cidade é espelho do corpo que abriga, e o corpo, reflexo da cidade que o molda, “as noites tropicais de Manaus foram iluminadas por sonhos e pecados” (Pérès, 2002, p. 84). Essa reciprocidade revela que toda educação é também memória do espaço. O corpo prostituído, ao habitar a fronteira entre desejo e censura, abre o caminho para o entendimento das pedagogias da resistência e memórias subterrâneas, onde o aprendizado se confunde com o ato de permanecer.

Pedagogias da resistência e memórias subterrâneas

A articulação entre corpo, cidade e memória reafirma a hipótese de que a prostituição feminina em Manaus constituiu um espaço de saber e resistência social. O território urbano, ao abrigar pedagogias subterrâneas, revela o modo como as mulheres marginalizadas produziram conhecimento na contramão da norma. “Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo” (Freire, 1992, p. 45), essa intervenção se faz presente nos corpos que sobreviveram e educaram pelo gesto.

A relação entre saber e resistência exige compreender o corpo como campo político e educativo, nas reflexões de Apple, o currículo é entendido como instrumento ideológico que molda comportamentos e valores sociais. A prostituição, inserida nesse sistema simbólico, subverte a pedagogia hegemônica ao ensinar pela experiência e não pela doutrina. “A educação está sempre implicada nas relações de poder” (Apple, 2008, p. 22), assim, o aprendizado nasce das brechas do controle moral.

As ruínas do antigo Hotel Cassina, analisadas por Silva, são mais que vestígios arquitetônicos: são dispositivos de memória e ensino. A cidade, ao esquecê-lo, continua aprendendo com sua ausência, “as paredes do Cassina ainda falam das mulheres que educaram a cidade com seus silêncios” (Silva, 2025a, p. 4012). A ruína transforma-se em metáfora da

resistência, simbolizando o que sobrevive à repressão, e o corpo prostituído torna-se, então, um texto em movimento.

As leituras de Castells (1977) e Rolnik (2019) contribuem para compreender a cidade como campo de disputa simbólica e social, onde, o urbano é espaço de poder e resistência, onde o corpo feminino ocupa papel de protagonista silenciosa. “O espaço é a materialização das relações sociais de produção” (Castells, 1977, p. 121), afirma o autor, indicando que a rua é também um território educativo, nesse cenário, a mulher marginalizada, ao habitá-la, converte o território em lugar de saber.

Em sua obra, Rolnik amplia essa visão ao sugerir que toda ocupação do espaço é também ato de criação, aonde, o corpo, ao resistir ao apagamento, redesenha o mapa moral da cidade, e “os territórios em conflito revelam as forças que produzem a vida urbana” (Rolnik, 2019, p. 97). Essa leitura aproxima o corpo feminino da ideia de pedagogia urbana, em que a memória não se preserva, mas se reinventa, nesse sentido, o aprendizado se dá na persistência em existir.

Os espaços da exclusão são também espaços de invenção, pois ali se constroem narrativas sobre o viver. Nas margens, o corpo se faz palavra, e a cidade aprende com aquilo que pretende negar. As prostitutas, ao habitarem o invisível, produzem memória e criam outras formas de saber. É nesses interstícios que o urbano se reconhece humano. O silêncio ensina o que a moral não consegue nomear, e o corpo que permanece é verbo e lição (Pesavento, 2001, p. 131).

4396

Seguindo essa linha de pensamento, a leitura de Whyte reafirma que o cotidiano é espaço privilegiado para o aprendizado social. De acordo com o autor, a convivência nas bordas da cidade cria códigos de conduta, solidariedade e adaptação que formam sujeitos críticos, dessa forma, “as regras do grupo são aprendidas pela observação e pela necessidade” (Whyte, 2005, p. 62). O saber das ruas, portanto, nasce da prática e do encontro, configurando uma pedagogia empírica e relacional, enraizada no convívio.

Pinheiro complementa esse pensamento ao descrever o porto de Manaus como lugar de formação e conflito. Segundo a autora, o trabalho, a exclusão e o corpo tornam-se dimensões entrelaçadas do processo educativo, nesse cenário, “o espaço do porto expressa a pedagogia do convívio e da desigualdade” (Pinheiro, 1999, p. 57). A cidade, nesse contexto, é professora e testemunha, aprendendo com aqueles que ela própria marginaliza, nesse contexto, o ensino emerge da sobrevivência.

As práticas das mulheres marginalizadas continuam produzindo pedagogias de resistência, ancoradas em saberes interétnicos e ancestrais. Essas pedagogias não dependem da validação institucional, mas da permanência no tempo. A resistência feminina é uma forma de ensinar, pois preserva a memória da vida coletiva. Nas margens, cada corpo é um arquivo, cada gesto uma lição, cada silêncio uma escrita, assim, a prostituição é, escola e narrativa” (Silva et al., 2025, p. 03).

A análise revela que a prostituição na Manaus da Belle Époque constituiu uma forma de pedagogia social e política, na qual o corpo feminino assumiu papel central como mediador de saberes e experiências. As práticas das mulheres meretrizes desafiaram a ordem moral e sanitária do período, criando novos modos de ensinar e preservar a memória coletiva. O aprendizado emergiu da resistência e da permanência, convertendo o corpo em um espaço de escrita simbólica. Nessa tessitura silenciosa, o corpo, foi o primeiro livro da cidade, e as mulheres aqui marginalizadas, suas mestras invisíveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação demonstrou que a prostituição feminina em Manaus, durante a Belle Époque, constituiu um campo de produção de saberes invisibilizados e de pedagogias construídas na resistência. O corpo, entendido como território simbólico e educativo, revelou sua capacidade de ensinar pela presença e pela memória. A hipótese de que essas mulheres transformaram a marginalidade em espaço de aprendizagem mostrou-se confirmada, evidenciando que o gesto, o silêncio e a sobrevivência também são práticas formativas.

A análise revelou que a educação, quando compreendida em sua dimensão existencial, ultrapassa o limite das instituições e se manifesta no cotidiano das ruas e das ausências. O conhecimento gerado por essas mulheres não se inscreve apenas na história, mas na pele e no tempo. O corpo tornou-se linguagem pedagógica e instrumento de transmissão cultural, desafiando o discurso higienista e moralizador que buscava discipliná-lo, assim, o aprendizado emergiu das frestas onde a norma se esvai.

Os resultados reforçam a importância de reconhecer as pedagogias da marginalidade como parte constitutiva da formação humana e social. O espaço urbano, antes visto como cenário de desvio, foi reinterpretado como ambiente de saber e criação. As mulheres que habitaram suas sombras ensinaram à cidade o valor da permanência e do gesto. Essa leitura amplia o horizonte da educação, ao incluir práticas afetivas e corporais como modos legítimos de construção de conhecimento.

As implicações teóricas dessa reflexão residem na compreensão da educação como fenômeno integral, enraizado nas experiências de resistência e nas memórias subterrâneas. O corpo feminino emerge como agente formador de cultura e consciência, revelando que o saber não está apenas na palavra, mas também na carne que insiste em existir. Essa perspectiva

contribui para o campo da Educação ao propor novas categorias para ler o cotidiano, o espaço e a vida.

Do ponto de vista prático, a pesquisa evidencia que a transformação social passa pela escuta dos corpos historicamente silenciados. Reconhecer o valor pedagógico das experiências marginais é reconhecer a humanidade como escola permanente. A cidade, ao ser reinterpretada a partir dessas memórias, torna-se um espaço de aprendizagem mútua entre o poder e a resistência, entre o visível e o esquecido, nesse processo, o corpo, é o mediador que reeduca o olhar.

Por fim, a trajetória aberta por esta pesquisa convida a novas investigações sobre os modos como a educação se expressa nas bordas da sociedade. A compreensão do corpo como texto e prática pedagógica ainda reserva territórios inexplorados, sobretudo na articulação entre gênero, espaço e memória. O caminho percorrido demonstra que o saber nasce do encontro entre o vivido e o simbólico, e que é nas margens onde a vida ensina com mais intensidade.

REFERÊNCIAS

- APPLE, Michael W. *Ideologia e currículo*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- BRAGAS, Genesino. *Chão e Graça de Manaus*. Manaus: Ed. Fundação Cultural do Amazonas, 1975. 4398
- CASTELLS, Manuel. *The Urban Question: A Marxist Approach*. London: Edward Arnold, 1977.
- CORRÊA, Luiz Miranda. *O Nascimento de uma Cidade. (Manaus, 1890 a 1900)*. Manaus: Edições Governo do Estado do Am. 1966.
- FREIRE, José Ribamar Bessa. *Barés, Manáos e Tarumãs. Amazônia em cadernos*, vol. 2/3. Manaus: EDUA, 1994.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e terra, 2014.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 68. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.
- LARGMAN, Esther. *Jovens polacas: Da miséria na Europa à prostituição no Brasil*. Rio de Janeiro: Sindicato Nacional dos Editores de Livros, 2007.
- MANACORDA, Mario Alighiero. *O princípio educativo em Gramsci*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

MANFREDI, Sílvia. A educação popular no Brasil: uma releitura a partir de Antônio Gramsci. In: _____. A questão política da educação popular. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

PÉRES, Jefferson. Evocações de Manaus como eu vi ou sonhei. Manaus: Valer, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Uma Outra Cidade: o Mundo dos Excluídos o Final do Século XIX. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. A Cidade Sobre os Ombros: Trabalho e Conflito no Porto de Manaus (1899 – 1925). Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1999.

RAGO, Margaret. Os Prazeres da Noite. Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890 – 1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

ROLNIK, Raquel. Territórios em Conflito: São Paulo, Espaço, História e Política. São Paulo: Três Estrelas, 2019.

SILVA, Clodoaldo Matias da. Do cabaré à inovação: memória, ruína e ressignificação do Hotel Cassina em Manaus. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, [S. l.], v. II, n. 9, p. 4009–4024, 2025a.

SILVA, Clodoaldo Matias da. As damas da noite e os espelhos da moral: hipocrisia e marginalidade na Manaus da Belle Époque. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, [S. l.], v. II, n. 10, p. 1672–1685, 2025b.

SILVA, Clodoaldo Matias da. Entre o diálogo e o conflito: os desafios de ensinar democracia em um Brasil polarizado. *Marupiara: Revista Científica do Centro de Estudos Superiores de Parintins*, v. 10, n. 1, p. 01–17, jan./jun. 2025c. 4399

SILVA, Clodoaldo Matias da; COSTA, Aretusa Fraga; OLIVEIRA, Maria das Graças Maciel de; ALMEIDA, Janderson Gustavo Soares de. Entre saberes ancestrais e vozes femininas: diálogos interétnicos e resistências da AMISM na Manaus urbana. *Revista Taka'a, Barra do Bugres (MT)*, v. 3, e2025006, 2025.

WHYTE, William Foote. Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Rio de Janeiro, RJ: J. ZAHAR, 2005.